

Pacote de ajuda ao Brasil será construtivo no longo prazo

JOSEPH LIEBERMAN

The Washington Post

Na semana passada, enquanto a comunidade internacional estava encontrando dificuldade para traçar uma linha bem definida no Iraque, fez exatamente isso em relação ao Brasil. Quando o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o governo Clinton anunciaram seu pacote de apoio econômico de US\$ 41,5 bilhões, estavam dizendo claramente que a crise econômica global, que havia começado há mais de um ano, deverá acabar no Brasil.

O Fundo de Estabilização Cambial dos Estados Unidos – o mesmo usado para salvar com sucesso o México em 1995 – contribuirá com US\$ 5 bilhões para esse pacote. O secretário do Tesouro dos EUA, Robert Rubin, tomou a decisão de recorrer a esse fundo e acho que sua decisão foi correta.

Estive no Brasil há duas semanas conversando com líderes governamentais e empresariais e voltei animado com as perspectivas do País no longo prazo, embora o povo brasileiro tenha de enfrentar tempos difíceis no curto prazo.

Muitos críticos foram apressados em retratar o Brasil com as mesmas tintas carregadas que usaram no caso da Rússia, quando na realidade as situações nesses dois países são completamente diferentes. A economia brasileira é quase duas vezes maior que a russa e tem poucos desses problemas fundamentais que infestam a economia da Rússia.

A economia brasileira tem alguns pontos vulneráveis, como sua grande dívida de curto prazo, mas, em conjunto, é essencialmente saudável, com forte crescimento e inflação baixa. Está sofrendo agora porque a ansiedade econômica global, produzida na Ásia e na Rússia, expôs seus pontos vulneráveis, levando alguns investidores internacionais a retirar seu capital do País e alguns especuladores a apostar contra o Brasil.

Isso explica o momento e a importância do pacote do FMI, que deveria acabar com os ataques contra o Brasil, quer por parte dos especuladores de alto risco, que jogam com moedas mundiais, quer por parte dos investidores nervosos.

A combinação de empréstimos e linhas de crédito no pacote fornece uma apólice de seguro para os que investem na economia brasileira – a segunda maior das Américas e a oitava maior do mundo. Neste momento, os investimentos norte-americanos dire-

tos no Brasil somam US\$ 35 bilhões.

Os líderes empresariais americanos com os quais conversei em São Paulo não estão indo para outro lugar. Eles vêm no Brasil um imenso mercado de 170 milhões de pessoas, um governo comprometido com a privatização e os mercados livres e uma taxa de crescimento que tirou 15 milhões de pessoas da pobreza nos últimos cinco anos.

Um motivo para se confiar no Brasil é a capacidade e a coragem de seu presidente, Fernando Henrique Cardoso, que introduziu medidas de austeridade que deverão trazer uma redução de US\$ 80 bilhões na dívida nacional nos próximos três anos. Encontrei-me com o presidente Cardoso, com seu ministro da Fazenda, Pedro Malan, com o presidente do Senado e com dirigentes da oposição em Brasília e todos eles me deixaram a confiança de que o programa do presidente será aprovado pelo Congresso.

E um programa politicamente amargo, mas a ampla maioria dos líderes políticos brasileiros sabe que é bem mais preferível o gosto amargo que a alternativa de uma súbita e drástica desvalorização da moeda e a volta da inflação. Essa confiança foi reforçada recentemente pela aprovação da reforma da Previdência, há tempo tempo adiada pelo Congresso brasileiro.

Estou mais preocupado com a situação do Brasil nos próximos seis meses, quando o País poderá entrar numa recessão que terá imensa pressão sobre o povo, empresas e o governo. Então a liderança do Brasil será testada e o pacote do FMI terá o máximo valor. Ajudará o País a temperar a desaceleração econômica e fornecerá aos investidores internacionais uma garantia para seus investimentos.

O Brasil é responsável por mais de 40% da economia sul-americana. Se sua casa fiscal desmoronar, outras economias da região seguirão o mesmo caminho e os Estados Unidos, cujos bancos forneceram quase US\$ 30 bilhões em empréstimos para o Brasil, cujos exportadores fazem 20% de seus negócios na América Latina, ficariam gravemente afetados. A consequência seria provavelmente uma recessão em escala global.

Com tudo isso em jogo, o pacote de apoio, organizado pelo FMI e os Estados Unidos, poderá ser um dos atos de liderança internacional com as consequências mais construtivas no longo prazo.

■ (Joseph Lieberman é um senador democrata de Connecticut).

Plano oferece uma apólice de seguro para os que investem na economia brasileira